

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

Sobre a Atenção

Santa Fé, 29 de outubro de 1985

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

## Sobre a Atenção

Santa Fé, 29 de outubro de 1985

**Vicente.** – Minha vinda à Argentina não tem nenhum objetivo de caráter pessoal. Eu não sabia que teria que vir aqui, nem que deveria escrever alguns livros, eu não sabia nada. Acho que quando alguém percebe que nada sabe começa a saber tudo. Claro, isto é muito filosófico, mas obedece a uma realidade. Lembro-me de uma entrevista radiofônica em Rosário, quando a amável locutora me perguntou: “O que vai nos dizer esta noite?” Era a noite da conferência pública, e eu respondi: “Não sei!” Realmente, não sabia, nunca sei o que vou dizer. Acho que devemos sempre falar o que os ouvintes querem ouvir, não o que eu sei ou o que pretendo dizer, levando um programa pré-estabelecido, pré-fabricado, que nega a espontaneidade. Quero que minha vida seja espontânea, apesar das dificuldades. Quando me perguntam qual o caminho a seguir para alcançar um ponto de integridade espiritual, não posso responder que o melhor dos caminhos é utilizar esta ou aquela yoga, seguir este ou aquele sistema de meditação. Por muitos anos recomendei algum sistema meditativo, mas, à medida que o tempo transcorria, deixando sua marca de experiência em mim, compreendi que se pode viver plenamente sem ter que se sujeitar a qualquer disciplina. Vocês poderão dizer: “Há muitas pessoas que necessitam de uma disciplina”. Eu digo que a disciplina é um falso sistema de alcançar a verdade, porque sempre leva a um determinado resultado, criando um objetivo definido. Então, temos que condicionar nossa mente para aquele objetivo, traçando um caminho rígido; por isto sempre aconselho que a verdadeira meditação é viver plenamente, todos e cada um dos momentos de nossa vida, o que não significa que nossa mente deva estar se disciplinando. É simplesmente estar atentos a tudo, como agora vocês estão atentos a mim e eu a vocês. Querem melhor meditação do que estar atento aos acontecimentos ou às pessoas com as quais nos relacionamos? Quase nunca prestamos atenção às coisas e pessoas; se tivéssemos mais atenção teríamos um contato direto com os deus que criam tudo o que existe na natureza, e aprenderíamos a amar as pessoas sem passar pelo jugo da disciplina. Por acaso o amor é uma disciplina? A pessoa ama simplesmente, não se pergunta como chegou a amar, está amando e, na medida em que está amando profundamente, se dá conta de que o amor não é uma disciplina, que o amor tem como consequência uma plenitude, uma paz no coração, e isto é mais rico e pleno do que ensinar uma via de conhecimento que os leve a fazer mais coisas e a encher mais este depósito de memórias que constitui o nosso ser. Por esta razão, e seguindo diretrizes que não procedem de um nível de conhecimento humano, mas representam a vontade da Hierarquia, produziu-se uma série de expressões ashramicas totalmente distintas de todas as anteriores.

Há cerca de cinquenta anos ainda imperava em alguns departamentos da Hierarquia a disciplina, aquela que tinha a ver com a devoção ao Mestre e aceitar Sua autoridade, porque estávamos ainda seguindo o Kali Yuga próprio da era de Peixes e, naturalmente, como a individualidade não estava ainda formada e o «Amai-vos uns aos outros» era uma mera fórmula retórica, foi decidido pelos grandes responsáveis pelo Plano que não mais haveria uma regra

de obediência ao Mestre, e que Ele não falaria à mente do discípulo, mas trataria de desenvolver seu coração. O conhecimento revela muitas coisas, mas isso só pode levar a um simples sistema de acumulação de fragmentos de conhecimentos, o que não é a Verdade. De outro modo, se a pessoa depositasse toda a atenção no Centro do Coração começaria a produzir uma síntese de energias em si mesmo, o que a livraria do conflito da decisão. É precisamente isto que estou fazendo em todas as minhas palestras: que as pessoas se liberem da necessidade de decidir entre tantas opções que a vida oferece, com o risco de escolher mal, porque o nosso livre-arbítrio nos leva a cometer muitos equívocos. Por isso, só o coração pode desenvolver uma vontade que permita viver sem o conflito das constantes escolhas e fazer as escolhas certas. Assim não haveria este conflito incessante, que traz como consequência o arrependimento e a necessidade de perdão. Isto deve ser abandonado, porque não corresponde à atualidade nem às diretrizes da Nova Era. Todo o processo atual está simplesmente em deixar a mente livre por completo, tão vulnerável que seja capaz de refletir inteiramente a Verdade e não os conhecimentos. Vocês poderão questionar se uma mente sem conhecimentos pode viver, pode continuar existindo. A mente é uma entidade. O que temos feito com ela é purificá-la até um ponto em que seja capaz de refletir a Verdade, como um lago de águas tranquilas reflete tudo o que se encontra em seu entorno: a água, o céu, os pássaros. A pessoa que se contempla tem uma vitalidade que nasce não da análise, mas da compreensão que vem com a experiência de projetar sobre si mesma as forças cósmicas. E isso é um processo que não exige disciplina, mas uma percepção, uma compreensão de tudo o que existe. Não pode haver compreensão se não houver atenção. Portanto, a base da compreensão não é a acumulação de conhecimentos, mas a experiência de estar atento a tudo o que ocorre dentro e fora de nós. Esta é a mensagem da Nova Era. Portanto, leiam e estudem com atenção, porque pode surgir o medo de ocorrer a aniquilação da mente por não a nutrirmos de conhecimentos, mas não é assim. A mente é única, é um reflexo da Mente de Deus. Portanto, o que acontece com a acumulação de conhecimentos? Que entre nós e Deus colocamos uma série de conhecimentos bons e maus. Mas aquilo não é Deus, precisamos cortar toda esta organização de conhecimentos com que estamos tão sutilmente apegados. Ao abandonarmos o apego ao conhecimento pela atenção, surge outra coisa em nós, que é a Verdade. Esta Verdade nasce acima do conflito de decidir, além da mente e de suas qualidades, além de nós mesmos. E se buscamos a Deus, será porque Ele está em nós, já que o homem é feito à imagem e semelhança de seu Criador. E nós estamos desprezando completamente esta verdade, nos valendo desses intermediários que são o conhecimento, a tradição, o conceito ambiental etc., aos quais ainda damos tanta importância. O conhecimento por si só não bloqueia a mente, é o apego ao sistema de conhecimentos que faz com que a mente fique estratificada, cristalizada, criando toda a oposição e separatividade que nasce do exato cumprimento das estruturas que construímos: o corpo mental, com o qual pensamos, o corpo emocional, com que desejamos e sentimos as emoções, e o corpo físico, que é o sistema de relação vital, assim

como o nosso Logos Planetário mantém Seu sistema de relações através de um corpo físico, e o Logos Solar faz o mesmo, pois o nosso Esquema Terrestre e também o Sistema Solar são físicos.

Temos confiado mais nos Instrutores do que em nós mesmos. O Instrutor tem a missão única de expressar, em tempo e espaço, aquele indício de Verdade que o discípulo aceita ou não, dependendo da amplitude de seus conhecimentos ou de sua experiência interna, além do momento cármico que está vivendo. Damos mais importância às experiências boas do que às más. Como as experiências boas trazem como consequência um estado de tranquilidade, estamos constantemente buscando esta experiência através da lembrança ou buscando nos livros algo que tenha a ver com aquela experiência.

Esta experiência de hoje, por exemplo, é boa e nasce de uma série importantíssima de dados e de efeitos que se circunscrevem aqui e agora, o que significa que de alguma maneira todo o nosso instrumental cármico é uno. Estamos aqui por um imperativo cármico, poderíamos dizer.

**Interlocutor.**— Como se aplicaria esta disciplina de que você fala com respeito à educação das crianças?

**Vicente.**— Eu diria que a fórmula mais sagrada e mais difícil de realizar é voltar a ser crianças, porque nós examinamos a ótica da criança, seu aspecto psicológico, partindo da ótica pessoal de um adulto. Significa que há mais compreensão na criança – porque há pureza – do que em nós que somente temos conhecimentos. Então, o que se deve dizer à criança? Se quisermos ter uma ideia da verdade, é só olhar nos olhos das crianças onde há inocência e candura que dão uma ideia do que seja a eternidade. Nessa ingenuidade e inocência elas fazem perguntas que os adultos não podem responder por lhes faltar a pureza para penetrar o mundo infantil. Somente quando as técnicas educativas forem corretas e os mestres tiverem uma grande dose de criança em si mesmos, se não tiverem perdido totalmente a pureza e a inocência, teremos bons instrutores. Observemos as crianças em silêncio enquanto brincam, quando estão sozinhas falando com os deuses. Examinemo-las, não à luz da razão, mas da intuição, e surgirá a forma mais direta de lhes ensinar.

O que um Mestre tem a mais que os outros? Ele tem respostas para as perguntas de uma criança, de um filósofo ou de um santo. Para todos tem respostas, porque Ele já passou por todos e cada um dos degraus da Escada de Jacó. Cada degrau significa um nível de experiência. Os Mestres descem para dar Sua mensagem, e nós subimos buscando esta mensagem. E sempre há um ponto, um degrau decisivo em que se encontram o Mestre e o discípulo. Então, não se preocupe: quando o discípulo está preparado, o Mestre aparece. Em nós está em latência o Adepto. No Plano Causal temos o Anjo Solar, que é um Adepto de todos os graus, e todo o conhecimento possível do Universo encontra-se neste Plano à Sua disposição. Quando estabelecemos uma linha de comunicação, o Antahkarana, nos damos conta desta realidade, porque à medida que ascendemos temos as impressões

cósmicas que nos falam dos Mistérios que existem além do ser humano. A mensagem tem um único objetivo: que o homem busque a si mesmo, que não se afaste de si mesmo, criando sistemas de contato. A meditação é constante, não é só um momento da vida ou de cada dia; não adianta ter alguns minutos de meditação ou de atenção ao Eu Superior, se durante o resto do dia estivermos afastados deste Eu, dependentes dos acontecimentos do tempo e das conveniências do próprio ânimo pessoal. Vamos começar a varrer todas estas coisas, estejamos atentos sempre e surgirá a consciência meditativa. Está além do tempo, é constante, é esse eterno agora que carece de tempo e sem embargo é a base do tempo, é a essência do tempo.

Alguns amigos vieram do Uruguai, outros vieram de outros lugares, daqui foram alguns a Buenos Aires, outros de Rosário a Buenos Aires, outros de Buenos Aires foram a Rosário, os de Rosário vêm aqui a Santa Fé, e isto é encantador porque demonstra que vocês percebem a necessidade de realizar uma coisa nova em seu país e continuar o experimento da Democracia. Não abandonem esse grande experimento.

**Interlocutor.**— A Democracia é um grande passo para que o ser humano evolua através do que falou anteriormente, em harmonia com o Criador. [Sim]. Podemos viver aqui em total harmonia através da meditação? [Sim]. E com respeito ao estudo dos adolescentes, se eles ou as crianças se acostumarem a meditar abrem seus planos ou, como diriam os crentes: a graça, para poder abrir seus ouvidos?

**Vicente.**— Eu falo das crianças num sentido relativo, porque são puras, segundo o termo de pureza que lhes atribuímos, até aquela idade em que começa a prevalecer o livre-arbítrio. E não se pode dizer quando começam a ter livre-arbítrio para decidir o que querem fazer e começam também a fazer escolhas, o que significa que também começam a cometer equívocos. Porém, se buscássemos numa criança aquela parte que realmente é ainda pura, teríamos que remontar talvez aos primeiros meses, ou talvez aos primeiros anos, quando ainda não se tenha fechado a glândula pineal, que vem como resultado de uma herança. Então, a criança é uma página em branco, e sua educação em seus primeiros meses, e mesmo ainda no período de gestação, está sujeita ao ambiente criado, este ambiente ecológico em todos os planos que se cria em torno da criança, primeiro no seio materno, depois no seio familiar, e depois no ambiente social. Se a criança for educada desde a concepção (e isto é muito difícil de ocorrer), se for alimentada por pensamentos puros durante o processo de gestação e continuar vendo ao seu redor um hálito de pureza entre os pais ou aqueles que constituem sua família imediata, conservará a pureza, não entrará no código de valores falsos que estabelecemos em nossa sociedade, não será competitiva nem egoísta. Será uma educação nova para um odre velho que está ainda destilando certo carma. Então, o que fazer com a criança? Estamos liberando-a do carma, mantendo sua pureza, e quando ela não tiver carma pela pureza que tivermos despertado nela, surgirá um novo tipo de sociedade, uma sociedade que nada tem a ver com a atual. Estamos todos

trabalhando no grande experimento dos países democráticos. Há uma grande distinção entre países democráticos, porque a democracia, a verdadeira Democracia, só existe quando há a liberdade do homem, não aquela concedida por um estado de direito baseado na democracia, mas uma Democracia nascida do seu sentido de liberdade constituída para o ser humano, uma experiência, mais que um simples experimento de organização, uma experiência viva. Quando é que experimentamos esta sensação de liberdade? Quando estamos totalmente livres da consciência «eu», esta consciência que nasce da mente, do corpo emocional e do corpo físico!

Ainda dizemos: “eu penso” e não “minha mente está pensando”. Ou “eu desejo esta coisa” e não “meu corpo de desejos deseja esta coisa, mas sou Eu quem vai decidir se dou ou não”. E com o corpo ocorre o mesmo. O corpo é «César», Eu sou Deus: dai a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César! Isto ainda não foi compreendido, embora seja tão fácil de se compreender, porque todo mundo dá a César tudo o que tem, e a Deus só se tiver tempo, um pouquinho de vez em quando, isto é, a meditação, o sistema de yoga, ou o exercício preferido. Como vemos que a coisa de Deus é tão importante, fazemos uma importante estrutura para buscá-Lo e criamos toda uma artificial estrutura de nossos pensamentos e de tudo que constitui o nosso ser, mas isto não é a verdade, é uma estrutura que limita a verdade. Se conhecermos claramente esta questão, não haverá nenhum segredo para nós, poderemos absorver todo tipo de conhecimentos. E o que vamos absorvendo é somente a parte dos conhecimentos que devem se converter em experiência, mas não em um sistema de apego de nossa mente que está crescendo constantemente através dos conhecimentos. Todo o conhecimento do Cosmo poderá penetrar por esta abertura em forma de intuição, porque o entendimento dá passagem à intuição. Uma vez captada a intuição, seremos livres, a mente já não nos condicionará, o que permitirá o surgimento de uma nova estrutura mais sutil, que é a do coração, que é a Fé que remove montanhas.

Conferência de Vicente Beltrán Anglada

Santa Fé, 29 de Outubro de 1985

Digitalizada pelo Grupo de Transcrição de Conferências (G.T.C.) 18 de Maio de 2007